

“Um profeta em Nova Iorque”

Aida R. Hanania¹

Resumo: Discurso, proferido em 12 de novembro de 2013 no Masp (Museu de Arte de São Paulo), como apresentação de “Um profeta em Nova Iorque” de Samir Yazbek, leitura dramática sobre Gibran Khalil Gibran, conhecido escritor árabe (radicado nos EUA) do século XX.

Palavras Chave: Gibran. Líbano. Religião. Samir Yazbek. Nova Iorque.

Abstract: Speech of presentation of “Um profeta em Nova Iorque”, play by Samir Yazbek, at Masp, Museu de Arte de São Paulo. The play, read by its author, is about Gibran Khalil Gibran, the well-known arabic writer of the 20th century.

Keywords: Gibran. Lebanon. Religion. Samir Yazbek. New York.

Boa noite a todos.

É para mim uma honra e um privilégio apresentar - no bojo das comemorações dos 130 anos de nascimento de Gibran Khalil Gibran – a leitura dramática de “Um Profeta em Nova Iorque” - texto e direção do premiado dramaturgo Samir Yazbek - com a prestigiosa Companhia Teatral “Arnesto nos convidou”.

Peço licença aos presentes, para fazer uma rápida contextualização de Gibran, do libanês e do emigrante, do escritor e do pintor.

“ A Terra é minha pátria e a Humanidade, minha família”

Esta sentença, simples e profunda, de Gibran, tornou-se marca distintiva do escritor, mas sobretudo poeta, do pensador, mas sobretudo sábio; do desenhista, do pintor... cujos ideais refletem a consagrada vocação humanística e universal do Líbano, berço de seu nascimento e de suas convicções, Líbano que jamais saiu de sua retina e de seu coração.

Gibran perscrutou com rara sensibilidade, a alma humana e, ao refletir sobre os problemas que a realidade apresenta, brindou-nos, com sua voz cálida e vigorosa, suave e enérgica, sutil e profética, uma mensagem lúcida, mediadora entre o Homem e o mundo, alertando para o caminho do amor, da justiça, da verdadeira paz, da felicidade, enfim.

Uma retrospectiva da vida e da obra de Gibran permite-nos afirmar que são indissociáveis, na medida em que a vivência real justificou sensivelmente a formação do pensamento e da arte (ficcional e pictórica) do autor.

Gostaria nesse momento, de perseguir, ainda que a passos largos, a trajetória de Gibran, começando pelo seu nascimento e infância.

¹. Professora Titular aposentada FFLCHUSP.

Gibran nasceu em Janeiro de 1883, em Bcharre, região de rara beleza natural, vilarejo semeado na montanha libanesa, situada ao norte, cercado pelos desfiladeiros do Vale de Kadisha e vizinho dos cedros milenares.

Convém lembrar aqui, que, de 3000 a. C. até o século VII, a história do país girou em torno de seu litoral. A partir do século VII, tornou-se também história da montanha.

O Monte Líbano, espinha dorsal do país, foi o refúgio seguro de diversas minorias, arraigadas a conceitos de vida e liberdade muito próprios. Assim, teve início o processo de edificação de um futuro estado com base na conciliação dessas minorias, representantes primeiras das comunidades cristã e islâmica que viriam a formar, mais tarde, a sociedade libanesa tal qual existe hoje.

Os primeiros a asilarem-se na montanha, foram os maronitas, descendentes de São Marun (que viveu em torno do ano 400); chegaram ao Líbano, vindos do Norte, da região de Antioquia. Católicos fervorosos, obedecem ao Papa e têm uma liturgia em aramaico, língua falada por Jesus. As comunidades muçulmanas que se seguiram na ocupação da montanha têm sua filosofia de vida no Alcorão. Desse modo, a região passou a se caracterizar como associação islâmico-cristã, tendo em vista as comunidades étnico-religiosas (11 cristãs e 3 muçulmanas) que compõem sua população.

A Montanha tem tido o papel de preservar os valores das comunidades que nela vivem e de harmonizá-las entre si, permitindo uma convivência ampla, seja no plano familiar, no social, ou no plano da sabedoria popular, ultrapassando as particularidades existentes no terreno das convicções cristã ou islâmica. A simplicidade, a fraternidade, a hospitalidade, a valorização do saber são regras fundamentais de vida para as inúmeras aldeias do Monte Líbano e traduzem-se em contos, parábolas, provérbios, em filosofia de vida.

Nascido no seio da comunidade maronita, Gibran vivenciou a montanha como refúgio desde tenra idade e vivenciou quotidianamente a religião, tendo sido marcado de forma intensa pela figura de Jesus. Podemos mesmo dizer que a montanha, a natureza e a religião forjaram sua identidade... É necessário afirmar, entretanto, que suas atitudes nunca foram sectárias e sua interpretação, nunca deixou de ser crítica, o que delineou uma crença cristã individualizada. Por meio de seus personagens, deixou clara uma mensagem: “minhas preces são para Deus, onde quer que Ele esteja e não importa como seja chamado”.

Seu avô materno era sacerdote da igreja maronita. Sua mãe, a grande figura familiar que o admirava e o apoiou em todas as fases de sua existência. Inteligente e dinâmica, responsabilizou-se sozinha pela educação e formação dos filhos: Boutros, Mariana e Sultana, além de Gibran. Seu pai, ao contrário, era um homem grosseiro, de pouca instrução, bebia frequentemente e era alheio à necessidade expressa por Gibran de aprimorar sua formação intelectual e artística (já vislumbrada pela mãe), além de ter muito poucas posses.

Na época em que nasceu Gibran, o Líbano vivia sob o domínio turco e sua população dividia-se entre pobres e ricos latifundiários. Muito cedo, nosso autor revoltou-se contra a opressão dos humildes trabalhadores pelos poderosos e com a omissão de muitos membros do clero, diante da imensa desigualdade e injustiça social sofrida por seu povo. À medida que se desenvolvia, passou a revelar crescente percepção dos problemas humanos e sociais, repudiando toda e qualquer exploração, fosse das autoridades governamentais, ou religiosas, em relação a sua gente. Apesar de reconhecer em seu avô um homem de bem e de ter tido influência dos ensinamentos religiosos, não se viu impedido de se manifestar contra padres que “nem sempre

viviam o que pregavam”. Em 1894, com a idade de 11 anos, emigrou para os Estados Unidos com a mãe e os irmãos, em busca de uma vida melhor em Boston, onde já havia uma comunidade libanesa. Após 3 anos na América, voltou ao Líbano para completar os estudos árabes, lá permanecendo por 4 anos e onde viveu, não só a experiência do amor verdadeiro, bem como a frustração com a impossibilidade de sua realização, em função de coerções sociais ditadas pela tradição. Deplorou o atraso, a hipocrisia, a crueldade dos costumes, o casamento arranjado, sobretudo a situação da mulher, a maior vítima daquela conjuntura. Seus personagens fariam essa denúncia e é por meio deles que promoveu, ao longo de sua obra, a defesa intransigente da mulher e dos sentimentos autênticos que devem nortear as relações humanas.

Volta a Boston, onde a família passava por muitas dificuldades financeiras e de saúde. Em brevíssimo espaço de tempo, perdeu a irmã caçula, a mãe e o irmão (entre 1902 e 1903). A amargura e a tristeza estão visíveis em seus escritos posteriores (1903 a 1908), também no desenho e na pintura, o que o leva a uma arte muito pessoal, marcada por grande comoção. Nessa época, escreve para um jornal, *Al-Muhajer*, “O Emigrante”, de Boston, mas de circulação no mundo árabe, em que aproveita para demonstrar, por meio de seus poemas e crônicas escritos em árabe, sua revolta com o atraso em que se encontrava seu país, o obscurantismo, a intolerância, criticando leis e tradições do Oriente, bem como o jugo turco a ele imposto.

Em Boston, durante estes anos terríveis, uma exposição de seus primeiros quadros atrai a atenção de Mary Haskell, em função da qualidade imaginativa e espiritualidade reveladas em suas telas. Esta diretora de escola americana viria a ser sua maior protetora e admiradora por toda a vida. Propõe-lhe, na ocasião, custear estudos em Paris, o que o leva à famosa Académie Julien na cidade-luz. Lá, visita exposições, museus, conhece artistas célebres, dentre eles Rodin, que lhe antevê um futuro brilhante, um futuro que aliás, o ajuda a iniciar, com a escolha de uma de suas telas para a Exposição de Belas Artes em 1910.

Ainda em Paris, publica *Espíritos Rebeldes*, em árabe, buscando a visibilidade que o ajudaria a difundir a amarga denúncia contra as injustiças políticas e sociais que prevaleciam no Oriente. Por meio de uma crônica, “Khalil, o herege” contida no livro, convocava toda a juventude do Oriente Médio a refletir sobre a forma de governo, a abandonar o conformismo e a libertar-se das distorções que impediam a sociedade de enxergar a verdade. Sofreu severas críticas das autoridades de sua terra e foi solicitado a não voltar mais a seu país, enquanto culpado por subverter a ordem e os costumes, o que, ironicamente, era sua meta principal...

Em seguida, em *Asas Quebradas*, insiste na falsidade, nas intrigas religiosas, na fragilidade da mulher, diante do poder e força do homem tradicional.

Em sua obra de cunho mais revolucionário, digamos assim, escrita em árabe, conviviam o poeta, o místico, o pensador, que buscava a matéria simbólica de suas imagens na realidade telúrica do Líbano e construía seu pensamento por meio do conto sentenciado, da parábola e do provérbio, marca da sabedoria milenar do Oriente e dos textos sagrados: da Bíblia, do Evangelho, do Alcorão...

Aos poucos, Gibran passa a escrever apenas em inglês, não sem antes ter abandonado - em suas oito obras escritas em árabe - o excessivo rigor formal e vocabular exigido pela literatura árabe, modernizando-a, ao transmitir, com liberdade, a veracidade e a força de sua emoção. Manteve vivas as características de seu estilo, mesmo numa língua ocidental, passando a ser agora, eminentemente espiritualista e místico, portanto, universal: constrói sua obra a partir de sua experiência, exercendo sua sensibilidade, sua religiosidade e sua reflexão, impulsionado por seu amor à humanidade, a serviço do aprimoramento de seu semelhante.

Gibran dizia: “O espírito é maior que o espaço, mais forte que o tempo, mais profundo que o oceano e mais alto que as estrelas”.

A palavra árabe para poeta é “sha’ir”, isto é, “aquele que sente”; por isso, o papel proeminente do poeta dentro da cultura árabe é a capacidade de sentir e manifestar sua autêntica convicção na transferência de seus sentimentos à Humanidade. Nesse sentido, cabe chamá-lo de “poeta dos poetas”.

Lembremos que, como todo escritor, cujas raízes estão fincadas no Oriente, Gibran não concebe a Arte como um ato gratuito. Ao contrário, considera-a irremediavelmente ligada à noção de finalidade.

Depois de Paris, Gibran volta a Boston e no mesmo ano, 1910, muda-se para Nova York, onde suas pinturas são expostas várias vezes e, com uma situação financeira mais estável, lá permanece até sua morte em 1931.

Na grande metrópole, que o fascina e o atordoa pelo dinamismo e pelo progresso, produz a obra que o tornaria conhecido em inúmeros idiomas, e que o consagrou como guia espiritual de tantas gerações: *O Profeta*, obra publicada em 1923, que consubstancia o pensamento total de Gibran .

Sob inspiração da Natureza (a terra, o céu, as árvores, os campos, a montanha, o mar, o deserto, as estações...), Gibran procurou tratar de temas atinentes ao homem universal. A solenidade do tom profético de Al-Mustafa, aliado à simplicidade e beleza da linguagem, permite que cada um de nós, a seu modo, atinja a densidade da reflexão e a autenticidade da emoção. Assim, o poeta-profeta falou-nos da religião, do amor, da morada, do trabalho, da alegria e da tristeza, da honestidade, da bondade, do casamento, dos filhos, da dor e do prazer, da prece, da amizade, da convivência e da despedida, da nostalgia...enfim, de todas as circunstâncias que nos acompanham e nos igualam desde o Nascimento até a Morte.

Sobre os filhos, é impossível não lembrar, pela singeleza e pela lucidez, o grito de alerta a tantos dentre nós que, inconscientemente, nos esquecemos, muitas vezes, da individualidade essencial daqueles que trazemos à luz:

“Vossos filhos não são vossos filhos./ São filhos e filhas da saudade da Vida por si mesma./ Eles vêm através de vós, mas não de vós./ E embora vivam convosco, não vos pertencem./ Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos./ Podereis abrigar seus corpos, mas não suas almas;/ pois suas almas moram na mansão do amanhã,/que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho (...)”

Quanto ao matrimônio, ensina: “Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão:/Que haja, antes, um mar ondulante entre as praias de vossa alma”

E acrescenta: “Cantai e dançai juntos e sede alegres; mas deixai cada um de vós estar sozinho/ Assim como as cordas da lira são separadas e, no entanto, vibram na mesma harmonia”.

A diversidade de momentos vividos, quer fossem motivados pela angústia, ou pela serenidade; pelo sucesso ou pelo fracasso; pelo amor ou pelo abandono; pela tristeza ou pela alegria, pela realidade ou pela arte, revelaram sempre, a adoração que Jesus suscitava na vida de Gibran. Tal constatação se pode observar, de maneira cristalina, em suas obras mais consagradas, quais sejam: *O Profeta* e *Jesus, Filho do Homem*.

Em *O Profeta*, o autor ensina a amar a vida, a exercer a gratidão e a generosidade.

Em *Jesus, Filho do Homem*, ensina a amar Jesus, que ele aproxima de nossa humanidade: para Gibran, o Mestre é um ser humano como nós.

Valho-me aqui de uma aguda percepção de Dahdah. Ainda que moldando a figura de Jesus à sua convicção, “Gibran conseguiu tornar palpável a fascinação, a superioridade, o poder miraculoso, a influência irresistível de Jesus sobre os homens”. E acrescenta: “se Deus se dá plenamente em sua palavra e seu espírito, quer dizer que não só se humaniza, mas, mais que isso, abre ao homem a possibilidade de se divinizar.”

Gostaria de deixar aqui, algumas sentenças de Gibran sobre Jesus.

Ele não era um Deus, era um homem como nós, mas Nele, a mirra da terra subia para encontrar o incenso do céu. Em Suas palavras, nosso balbuciar abraçava o murmúrio do invisível e em Sua voz, ouvíamos uma canção insondável. (*Jesus, Filho do Homem*)

Disseram que Jesus era inimigo de Roma e da Judéia. Mas eu digo que Jesus não era inimigo de nenhum homem e de nenhuma raça.

Ouvi-o dizer: “Os pássaros e os cumes das montanhas não se preocupam com as serpentes em suas tocas escuras. Que os mortos enterrem seus mortos. Permanecei vós entre os vivos e voai nas alturas”.

Jesus foi o início de um novo reino sobre a Terra, e esse reino permanecerá. (*Jesus, Filho do Homem*)

Antes de terminar, uma palavra sobre as principais influências sofridas por Gibran.

Além de Rodin, já citado na pintura, por características de imaginação e subjetividade, devemos lembrar ainda, Leonardo Da Vinci e Eugène Carrière, artista simbolista francês (1849-1906).

Na Literatura, é nítida a influência de Rousseau e William Blake, pela postura pré-romântica.

Na Filosofia, sem dúvida, destaca-se Nietzsche.

Nenhuma influência houve, entretanto, que lhe ofuscasse o estilo e o teor de sua mensagem, ambos muito peculiares: suas raízes orientais, misturadas às raízes da arte e filosofia ocidentais jamais o afastaram de sua libanidade.

Gibran vem recebendo, ao longo do tempo, muitas homenagens em sua terra natal, em diversas universidades e sobretudo, nos Estados Unidos, onde viveu e mereceu um memorial, o Memorial Gibran, inaugurado na década de 80.

Finalmente, quero aqui prestar uma homenagem e um profundo agradecimento a Mansour Chalita que traduziu toda a obra de nosso autor, para que os brasileiros pudéssemos usufruir e viver a mensagem de Gibran Khalil Gibran.

Muito obrigada

Recebido para publicação em 27-10-13; aceito em 17-11-13